

Encontros e desencontros com a contracultura

Antonio Cicero

Na verdade, como normalmente não sou considerado como contracultural, nem por mim nem pelos outros, e não sou um estudioso do assunto, eu inicialmente hesitei muito, ao ser convidado para participar deste seminário. Mas a professora Santuza Cambraia argumentou, muito persuasivamente, que as declarações autobiográficas que eu lhe dera em outra ocasião, a propósito de outros assuntos, eram bastante pertinentes ao tema, de modo que acabei concordando em dar aqui um depoimento um tanto autobiográfico e um tanto reflexivo – mas também confessadamente um tanto precário – sobre a minha percepção da contracultura.

No livro indispensável da Heloisa Buarque de Hollanda, *Impressões de viagem*, ela, acertadamente, a meu ver, distingue, na produção poética da contracultura, o Tropicalismo, que a teria inaugurado no Brasil, o pós-Tropicalismo e a poesia marginal. Nesse caso, a minha ligação se deu principalmente com tropicalistas e pós-tropicalistas. Assim, se tomarmos por base uma das publicações mais importantes da contracultura, a *Navilouca*, é verdade que vários dos artistas que dela participaram de algum modo estiveram ou estão entre os meus melhores amigos e até parceiros de trabalho, ao longo dos anos, de modo que os conto entre os mais importantes interlocutores que tenho ou tive. É o caso de Waly Salomão, que foi, junto com Torquato Neto (que não cheguei a conhecer pessoalmente), o seu editor; de Luciano Figueiredo e Óscar Ramos, seus programadores visuais; e dos colaboradores dessa revista, Caetano Veloso, Jorge Salomão e Duda Machado.

Em 1969, quando eu estudava filosofia na UFRJ, ocorreu o golpe em cima do golpe, que foi o AI-5. Foi muito atingido o

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, onde eu estudava, e onde tive o privilégio de ter sido aluno de Emmanuel Carneiro Leão e José Américo Pessanha, e colega de, entre outros, Paulo Sérgio Duarte, Alex Varela, Eduardo Jardim, Kátia Muricy, Ricardo Dick e do saudoso Wilson Coutinho. Em 1968, o Instituto chegara a ser apelidado por um jornal de “a Nanterre brasileira” (o que muito lisonjeou os seus alunos), por ter sido um dos principais centros do movimento estudantil. Vários professores foram cassados e vários alunos foram presos. Eu mesmo, que participava do movimento estudantil, fui algumas vezes acordado de madrugada e levado para ser interrogado num lugar chamado Serviço de Ordem Política e Social (SOPS), na praça xv, que, segundo me diziam, era um órgão do Centro de Informações da Marinha (Cenimar). Não cheguei a ser encarcerado nem torturado, nem ameaçado de tortura, mas meu pai ficou muito preocupado e, embora não fosse rico, acabou achando que seria melhor que eu estudasse no exterior. Eu queria ir para Paris, o que constitui outra indicação de que eu não era nada contracultural, uma vez que era Londres que estava se tornando a capital da contracultura europeia. A razão de minha preferência é que não só já conhecia e amava Paris naquela época, mas que, fora alguns pensadores como Heidegger, Marcuse, Adorno, Horkheimer e McLuhan, a maior parte dos autores contemporâneos que interessavam a mim e à maior parte dos meus colegas do IFCS eram franceses: lembro, além dos estruturalistas, de Bachelard, Canguillem, Piaget, Foucault e, principalmente, Althusser. Meu pai, porém, temendo que eu me envolvesse em política também na França, fez questão de que eu fosse para a Inglaterra. Meu consolo foi que, na época, eu estava querendo aprofundar meus estudos de lógica e a Inglaterra seria um bom lugar para isso. Graças a uma carta de recomendação do professor Hélio Jaguaribe, que eu conhecia desde criança, pois era um dos maiores amigos do meu

pai, consegui uma entrevista com o professor Richard Wollheim, chefe do Departamento de Filosofia e Lógica do University College, da Universidade de Londres. Após conversar longamente comigo e me pedir o meu histórico escolar, ele ficou de entrar em contato dentro de uma semana.

Antes de receber a resposta, resolvi, desobedecendo meu pai, tentar a sorte em Paris. Minha avó me havia confiado umas encomendas para as irmãs Dedé e Sandra Gadelha, que eram casadas com, respectivamente, Caetano Veloso e Gilberto Gil, que, nessa época, já estavam exilados em Londres. Embora Dedé e Sandra fossem minhas primas, eu não as conhecia pessoalmente, pois viviam na Bahia. Resolvi passar pela casa delas a caminho da Victoria Station, onde pegaria o trem para Dover. Toquei a campainha às onze da manhã. Toquei, toquei, e ninguém atendeu. Eu já estava desistindo quando apareceu Guilherme Araújo, estremunhado. Disse-lhe que trazia uma encomenda para Sandra, e ele me convidou a entrar. Na casa, todos os outros dormiam. Guilherme acordou Sandra, que – surpreendentemente, diante das circunstâncias – foi muito simpática e me disse que os voltasse a procurar, quando chegasse de Paris.

Em Paris, tentei mas não consegui me inscrever na Universidade de Vincennes, onde, por alguma razão, a confusão era grande naquela semana; de todo modo, parece que eu tinha perdido o prazo. Voltei para Londres, onde recebi uma carta do University College, que me havia aceito.

Londres vivia o auge da contracultura. Devo dizer logo que isso só me interessou muito marginalmente. Eu não gostava nem de rock, nem de drogas, nem rejeitava a sociedade industrial. A contracultura que me influenciou foi outra.

Mais ou menos um mês depois, por pura coincidência, encontrei, num restaurante frequentado por estudantes, um contemporâneo meu do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Ronaldo Bastos, que, se não me engano, já havia inicia-

do sua famosa parceria com Milton Nascimento, e fomos juntos passear na feira de Notting Hill Gate. Lá topei com Guilherme Araújo, que me disse que a Sandra e a Dedé queriam muito que eu voltasse à casa delas. Eu era ainda mais tímido do que sou hoje, de modo que acho que não teria ido, se o Ronaldo não tivesse ficado encantado com essa idéia. Acabamos indo juntos, à noite, quando todo o mundo estava acordado: Caetano Veloso e Dedé, Gilberto Gil e Sandra, Péricles Cavalcanti, hoje admirável compositor e cantor, Rosa Maria Dias, que hoje é professora de filosofia e autora, entre outras coisas, do belo livro *Nietzsche e a música*, Luiz Fernando Guimarães, que havia sido ator do Teatro Oficina, e, naturalmente, o empresário Guilherme Araújo. O nome de Nietzsche me lembra que foi nessa casa de Chelsea que conheci também Jorge Mautner, que, entre outras coisas, lá orientava um círculo de leitura do *Zaratustra*.

Todos eram pessoas extremamente interessantes, inteligentes e, sem dúvida, pelo menos nessa época, *contraculturais*. Quem mais me impressionou, porém, foi Caetano.

Devo confessar que eu não era, na época, muito ligado em música popular. É verdade que eu gostava de Bossa Nova, de Tom, de Vinícius, de João Gilberto; que já havia ficado impressionadíssimo com a qualidade poética das letras de Bob Dylan, que me haviam sido mostradas por meu irmão, Roberto; e que um grande amigo meu, o Alex Varela, também do IFCS, me havia chamado atenção para as letras do próprio Caetano. Além disso, o Tropicalismo me parecia ter feito um serviço à cultura brasileira ao jogar na lata de lixo o nacionalismo populista e ao abraçar a modernidade como um valor universal. Embora apreciasse tudo isso, eu, sem nem sequer pensar muito nesse fato – sem pensar *suficientemente* sobre ele –, não encarava essas coisas como pertencentes ao registro da poesia que realmente me interessava.

Por isso, não se pode dizer que eu fosse propriamente um tiete de Caetano. Talvez por essa razão eu tenha ficado tanto mais impressionado com a sua inteligência. Caetano, mais do que qualquer outra pessoa que já conheci, genuinamente tinha um modo desarmado de olhar para as coisas que estivéssemos considerando, quer fosse uma canção, uma notícia, uma capa de revista, uma roupa ou um programa de televisão: e isso lhe permitia fazer as mais inesperadas e fecundas associações. Ver as coisas já vistas como se fosse pela primeira vez, isto é, *estranhá-las*, como diziam os formalistas russos, é, de certo modo, uma ambição de grande parte da estética moderna, e já era, abstratamente, um projeto intelectual meu. Eu porém, nunca tinha visto isso tão autêntica e radicalmente realizado quanto por Caetano. Creio que se, por um lado, isso lhe era natural, tratava-se de uma aptidão cultivada. Lembro a descrição que Raymond Aron, chegando de Paris, onde tinha descoberto Husserl, fez a Sartre da fenomenologia: “você pode fazer filosofia falando deste cocktail”, e apontava um copo com um drink.¹ Pois bem, Caetano, com uma espécie de ingenuidade construída, punha entre parênteses as hierarquias convencionais, no que diz respeito ao que é e ao que não é “sério”, ao que é “maior” e o que é “menor”, ao que é erudito e ao que é popular, tanto em relação à vida quanto à arte.

Ora, o tipo de inteligência com o qual eu convivera e que admirava quase exclusivamente até então havia sido o de eruditos e intelectuais como meu pai, que tinha sido um dos fundadores do ISEB, a inteligência dos amigos de meu pai e de alguns professores e colegas do curso de filosofia. Ainda hoje lembro com saudade da época em que, adolescente, participava – como ouvinte, é claro – das reuniões de meu pai com amigos brilhantíssimos como Hélio Jaguaribe, Celso Furtado, Roland Corbisier, Guerreiro Ramos, Cândido Mendes e outros.

Caetano me revelou um outro tipo de inteligência. Uma coisa extremamente prazerosa e instrutiva, por exemplo, era assistir ao lado dele um filme qualquer, mesmo que fosse um filme B, na televisão. Os detalhes que ele observava, as associações que fazia, as ilações que se permitia: tudo revelava um espírito extremamente livre, original e fino. A amizade com Caetano e todos os outros – fiquei especialmente próximo de Dedé – foi para mim uma grande experiência emocional e intelectual, e me ajudou a liberar a minha própria inteligência de uma tendência excessivamente intelectualista. Foi, portanto, num sentido muito profundo, uma experiência contracultural.

Hoje creio até que o que aprendi desse modo foi mais fundamental para minha formação do que o que aprendi na Universidade de Londres. Esta representou sobretudo uma diversificação dos meus interesses em matéria de filosofia, pois ela era centrada em filosofia analítica e lógica. No final das contas, acabou sendo muito importante para mim ter estudado Popper, Wittgenstein, Austin, Quine etc.

Devo dizer, ademais, que achei admirável pelo menos um aspecto do estudo universitário na Inglaterra. Trata-se do sistema tutorial. No University College, isso funcionava do seguinte modo. Uma vez por semana, um grupo de três alunos se encontrava, por uma hora, com um tutor que acompanhava o desenvolvimento intelectual de cada um deles. Ao cabo do encontro, ele pedia que cada um deles escrevesse, para o encontro seguinte, um ensaio sobre um mesmo tema ou texto filosófico importante, e lhes indicava a bibliografia pertinente. Na aula seguinte, cada aluno lia em voz alta o ensaio que escrevera e, em seguida defendia-o das críticas a que o submetiam o tutor e os dois colegas. Para mim, essa experiência do tutorial foi muito valiosa, principalmente porque me tocou ter como tutor o professor Ted Honderich, homem extremamente inteligente e sensível, autor de alguns importantes en-

saíam sobre um assunto que me interessava muito naquele tempo, que é o determinismo.

Mesmo assim, na época eu era muito cético em relação à instituição universitária como um todo. A derrota americana no Vietnã, maio de 68 na França, a primavera de Praga, o movimento contracultural norte-americano, a revolução cultural chinesa, o movimento de resistência à ditadura no Brasil etc., toda essa salada mista parecia indicar que o mundo estava em transformação acelerada. Eu achava, assim, que estávamos na iminência de grandes revoluções. Ora, tomando a universidade como parte integrante do aparelho ideológico de reprodução das relações de produção dominantes, eu tinha a impressão de que, breve, as formalidades corporativas como os títulos ou as carreiras universitárias seriam tão obsoletas quanto títulos de nobreza.

Até certo ponto, isso coincide com a atitude da contracultura. Assim, por exemplo, Camille Paglia, descrevendo o que aconteceu com ela na década de sessenta, quando participou da contracultura, diz o seguinte:

Tínhamos acreditado que estávamos a caminho de transformar tudo, especialmente a vida acadêmica – pois as universidades eram verdadeiros cemitérios, que precisavam de uma revolução. Não gostávamos da natureza conservadora que a construção de uma carreira significa. Minha geração não entrou nas profissões. Ela queria transformar a cultura do lado de fora do sistema. No âmbito da cultura e da música, as pessoas da minha geração não entraram na universidade ou, se entraram, saíram antes de completar seus cursos. Ou, se completaram, logo no primeiro emprego recusaram-se a entrar no jogo da carreira. Eu também não suportava as palestras ou a bajulação aos catedráticos, aquele horrível jogo corporativo.²

Essa atitude era também a minha. É por isso que a universidade na Inglaterra – o conservadorismo acadêmico, o com-

portamento efetivamente fleumático tanto dos professores quanto dos meus colegas do University College, a obediência às regras da discussão civilizada, o ceticismo em relação ao radicalismo político etc. – posturas que, retrospectivamente, me parecem admiráveis – na época ofendiam os sentimentos revolucionários que eu nutria. Nessas circunstâncias, o que mais me interessava na Universidade de Londres era a sua biblioteca, onde eu passava dias inteiros. Eis por que as conversas longas que eu tinha com Caetano noite adentro sejam hoje consideradas por mim como mais importantes para minha formação geral – mais importantes, por exemplo, para o poeta Antonio Cicero – do que as aulas da universidade.

De fato, a recusa a separar alta e baixa cultura, radicalmente realizada na vida prática e poética de Caetano, fazia parte de uma recusa das convenções estéticas e, de maneira geral, das convenções sociais. Ligava-se também à recusa ao culto da ascensão social, do trabalho, do consumo, e, de maneira geral, ao princípio do desempenho, ao qual opúnhamos, com Marcuse, o princípio do prazer. Marcuse reúne o que, a meu ver, são os dois fundamentos da contracultura: a afirmação do pensamento crítico, que se utiliza, por exemplo, do conceito de mais-repressão, e a afirmação da primazia do princípio do prazer. Através desses conceitos, dá-se também a crítica à esquerda tradicional, que acaba, em nome de um mundo futuro, por degradar as possibilidades palpáveis do mundo real do aqui e agora: “já já”, como diz uma letra de Caetano; e “ninguém acredita no mundo real”, como diz outra. O próprio “socialismo real”, ao se tomar como mera etapa ou meio para a construção do comunismo, desvaloriza a si próprio, isto é, desvaloriza o real, pondo no futuro o seu próprio telos. Ora, é preciso também revolucionar a vida aqui e agora. Foi nesse contexto que parte da contracultura considerou que a maconha, sendo incompatível com o domínio do princípio do de-

sempenho, e as drogas alucinógenas, abrindo perspectivas insuspeitadas pelo pensamento conformista, tinham sentido revolucionário.

Neste ponto, para terminar, quero também indicar uma questão em que não concordo em absoluto com grande parte da contracultura. Foi Timothy Leary, se não me engano, que propôs a tese de que as drogas possibilitariam uma espécie de consciência ou experiência expandida e criativa, em relação à qual o estado normal, sóbrio, de consciência seria extremamente limitado e estéril. Ao mesmo tempo, também a loucura passou a ser tomada como um estado de consciência expandida. Foram então considerados similares o louco e o usuário de drogas. No Brasil, a mesma palavra, “louco”, passou a ser usada para designar ambos, em oposição aos “caretas”. Passou-se igualmente a considerar como similares a repressão à loucura e a repressão às drogas.

Observe-se que um dos grandes ídolos da contracultura, principalmente na sua segunda fase, que Heloisa Buarque chama de pós-tropicalista, é Antonin Artaud. Ora, o conceito de “loucura” significa muito mais do que não-sóbrio ou não-careta, e é às vezes usado como o oposto do conceito de “razão”. Por outro lado – e isso é ainda mais importante – o conceito de “razão” significa infinitamente mais do que não-louco. Entretanto, o próprio modo pelo qual se dá historicamente a oposição entre “razão” e “loucura” acaba sendo o ponto de partida da crítica que Foucault, por exemplo, em *História da loucura na idade clássica* [*Histoire de la folie à l'âge classique*], faz ao mundo moderno.

Não menciono Foucault porque pense que ele tenha tido grande influência na contracultura, mas porque o caldo desta inclui o modo de pensar que se manifesta no livro citado. Seja como for, o fato é que, em algum momento, a contracultura acaba por se opor à racionalidade, ou ao menos à “racionalidade

ocidental”, como se houvesse muitas racionalidades. Desfaz-se, desse modo, uma distinção crucial feita por Kant e desenvolvida por Hegel, entre o entendimento ou o intelecto e a razão. Ora, a destruição da razão é a destruição da própria crítica, que penso ter sido um dos fundamentos da contracultura, e a partir da qual se faz a própria distinção entre o princípio do prazer e o princípio do desempenho. Para mim, por isso, a negação da razão foi um equívoco suicida da contracultura.

Notas

¹ (BEAUVOIR 1960:141)

² (Paglia 2006 b)10